

GEADAS DEVEM CAUSAR AUMENTO DOS CASOS DE INCÊNDIO

# Geadas devem causar aumento dos casos de incêndio

**Pastagens ressequidas tornam-se material combustível, afirma pesquisador**

EVARISTO E DE MIRANDA

Especial para o Estado

**A**s geadas excepcionais dos últimos dias representam como sempre problemas econômicos para agricultores, governo e população. Mas o alerta deve ser dado sobre os impactos ambientais que deverão causar pelo aumento generalizado dos incêndios e queimadas no meio rural.

É certo que a intensidade das geadas será sentida em primeiro lugar no bolso de cada um. A queda imediata da produção hortigranjeira já se reflete em aumento de preços. Uma má notícia para o início do Plano Real.

Além disso haverá uma quebra da produção agrícola em geral, levando a uma redução da oferta no mercado externo e interno. Fato particularmente lamentável no caso da cafeicultura que começava a se reestruturar.

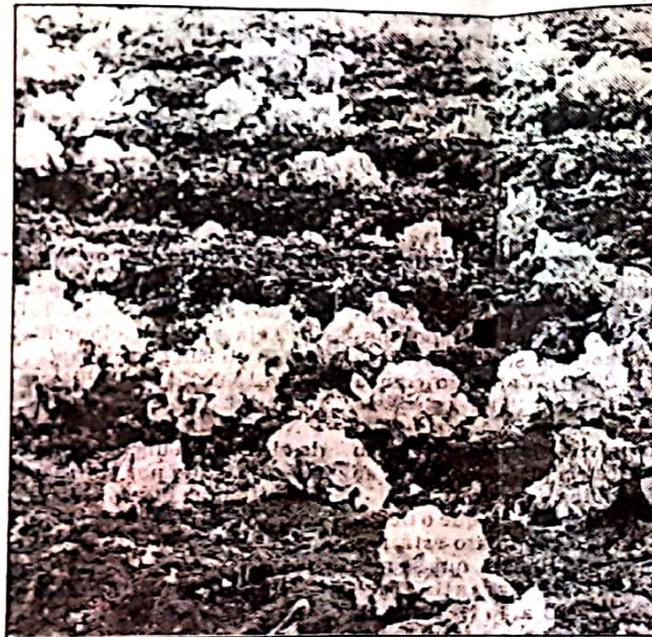
Mas onde há geada há fogo. Pastagens completamente ressequidas pelo efeito das geadas tornam-se abundante material combustível logo no início do inverno. O mesmo ocorre com as folhas secas da vege-

tação arbórea. Este ano, as queimadas provocadas pelos agricultores para limpeza de área e os fogos acidentais e criminosos começarão mais cedo, serão mais numerosos e difíceis de controlar, podendo levar à destruição de matas residuais, de redes elétricas e de telefonia, além de outros tipos de patrimônio público e privado, envolvendo até vítimas humanas.

Até agora, o material combustível envolvido nas queimadas agrícolas tinha sido relativamente constante nos últimos anos. Dados do sistema de monitoramento diário de queimadas por satélite, operado pelo Núcleo de Monitoramento Ambiental da Embrapa em conjunto com o Inpe, apontam para números praticamente idênticos de grandes focos de queimadas entre 1992 e 1993 em todo o país: 352.722 e 347.763

respectivamente. Em 1994 esses números devem aumentar.

Mas as queimadas em áreas agrícolas tradicionais pouco ou nada contribuirão para o chamado efeito estufa. Grandes quantidades de carbono são lançadas na atmosfera durante o período seco de inverno. Mas com a chegada das chuvas, no verão, o ciclo se completa: as culturas voltam a crescer, os pastos se tornam verdes e folhas novas surgem nas árvores e arbustos. Toda essa vegetação renovando-se e



Horlas destruídas: prejuízo começa com o aumento dos preços.

crescendo retira da atmosfera o carbono emitido pela maioria das queimadas e pelo álcool usado nos automóveis. Fecha-se o ciclo do carbono.

Ao contrário do resto do Brasil, nas regiões Sul e Sudeste a maioria das queimadas não resulta de desmatamento. Aqui a agricultura ocupa a quase totalidade do território e a fronteira agrícola não avança mais sobre a mata nativa. Infelizmente existem ecologistas

alarmados que ainda não entenderam no Brasil e no Exterior a diferença entre desmatamento e queimada e vivem errando o alvo de suas críticas. A novidade este ano, por causa das geadas, é que boa parte da matéria orgânica antes consumida pelos animais selvagens e domésticos ao longo do inverno, será precocemente destruída pelo fogo dado o aumento de material combustível.

Todos devem estar atentos para

as peculiaridades deste ano no tocante a queimadas, principalmente as organizações governamentais e não-governamentais com responsabilidades na área de ambiente e agricultura. Durante todo o período de inverno, o Estado e o *Jornal da Tarde* estarão publicando, com exclusividade, mapas semanais e mensais sobre as queimadas que ocorrerão em São Paulo e no Brasil, baseados em imagens diárias do satélite NOAA. Por meio da rede de computadores, os clientes da Agência Estado, cadastrados na BBS, poderão acessar diretamente os mapas e textos produzidos pela organização não-governamental Ecoforça, a partir dos dados de satélite.

As geadas são naturais; as queimadas não. No Sul e Sudeste, a agricultura mais moderna do País ainda usa amplamente essa técnica agrícola do neolítico. É isso com mais de meio século de luta dos técnicos, educadores e cientistas contra essa prática daninha ao meio ambiente. No resto do Brasil é ainda pior, apesar de existir alternativas tecnológicas para substituir o fogo em qualquer sistema de produção agrícola. Razões econômicas e sociais podem explicar esse uso do fogo na agricultura brasileira, mas nunca justificá-lo em tal escala, nem mesmo com as geadas deste ano.

■ Evaristo E. de Miranda é doutor em ecologia, professor da USP, pesquisador do Núcleo de Monitoramento Ambiental da Embrapa e da Ecoforça